

Nome: DENNIS DE OLIVEIRA

Título do projeto:

Periferias insurgentes: os coletivos de cultura e comunicação nas periferias da cidade de São Paulo

Período: julho a dezembro de 2019

Resumo:

Este projeto tem como objetivo realizar uma reflexão das experiências de coletivos de cultura existentes nos bairros periféricos de São Paulo, em particular os fomentados por programas oficiais da prefeitura municipal, verificando os processos de comunicação construídos por estas experiências e as relações institucionais desenvolvidas por estes grupos com organismos oficiais e as comunidades onde atuam. Os conceitos teóricos utilizados são de cultura das classes subalternas e mediações culturais desenvolvidos por pesquisadores latino-americanos de matriz gramsciana.

Áreas do conhecimento

6.09.00.00-8 Comunicação

6.09.01.00-4 Teoria da Comunicação

6.09.02.04-3 Jornalismo Especializado (Comunitário, Rural, Empresarial, Científico)

7.09.03.00-0 Comportamento Político

7.09.03.05-0 Classes Sociais e Grupos de Interesse

Objetivos

Objetivo Geral

Contribuir para uma reflexão das experiências realizadas por coletivos de cultura e comunicação nos bairros periféricos de São Paulo, em particular aquelas financiadas por programas oficiais de fomento.

Específicos:

- a-) Realizar um mapeamento das experiências de coletivos de comunicação e cultura na cidade de São Paulo;
- b-) Analisar as experiências destes coletivos no tocante ao papel dos processos comunicativos como eixos norteadores das suas perspectivas de organização;
- c-) Analisar os processos de ressignificação dos territórios periféricos a partir da ação destes coletivos;

d-) Analisar as relações institucionais realizadas por estes coletivos seja com organismos governamentais, universidades, empresas, entre outros.

Justificativa

A nova configuração do capital acarreta mudanças estruturais do modo de produção e, conseqüentemente, revela uma nova relação dos movimentos sociais com os poderes constituídos. Surgem, assim, outros graus de resistência pautados por uma nova lógica fortalecida por novos arranjos políticos e sociais. Neste contexto, países da periferia do capitalismo, como o Brasil, se configuram como locais onde estas possibilidades ganham força e se articulam na construção de projetos políticos e sociais alternativos. É imprescindível para o entendimento desta nova configuração compreender os aspectos e as estruturas do capitalismo contemporâneo e conseqüentemente os novos conflitos.

O capitalismo contemporâneo se articula, como modo de produção, por meio de uma rede de células produtivas distribuídas em todo o planeta. As grandes corporações transnacionais se organizam como centros de gerenciamento destas várias unidades produtivas, nas quais as mercadorias são montadas. As condições oferecidas por cada nação – mais ou menos favoráveis – é que definem os locais em que cada uma destas unidades produtivas será sediada. E esta rede de produção global tem como eixo articulador o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação.

Diante desta nova forma de organização, tem-se que o capital pressiona os poderes públicos para que estes desregulem os fluxos internacionais de capital e as relações de trabalho. Com isto, toda a ação do capital fica sem freios e impõe lógicas organizativas de acordo com os seus interesses. Esta nova lógica produtiva é a base material para o chamado “neoliberalismo”, doutrina que ganhou força nos anos 1980, principalmente após a queda dos regimes do Leste Europeu e a avalanche ideológica conservadora que pôs a esquerda mundial na defensiva.

O conceito que se utiliza neste projeto para esta nova lógica do capitalismo é *Ação Direta do Capital*,¹ emprestando o conceito de “ação direta” do movimento anarquista que pregava o uso de métodos de força para impedir ou constranger atitudes indesejáveis. A “ação direta do capital” constrange Estados, Poder Público, esfera pública e todas as instituições mediadoras constituídas no bojo da sociedade liberal para que os interesses do capital não sejam contrariados ou regulados. Há um *ativismo* do capital na sociedade a tal ponto que há uma separação e iminente divórcio do Poder e da Política. (Bauman, 2007). Enquanto o poder se concentra cada vez mais nas estruturas privadas do capital, a política se desfoca e se transforma em mero espetáculo cênico.

¹ Sobre o conceito de Ação Direta do Capital ver: OLIVEIRA, Dennis de. Ação direta do capital: o poder do capitalismo contemporâneo. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 15, n. 33, p. 405-421, ago. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 maio 2018.

Ideologicamente, a mídia ocupa um papel central. Primeiro, é ela que faz a ponte e constrói este cenário mundial – o mundo, hoje, é acessível pelas disponibilidades de acesso às informações via o sistema de comunicação. Segundo, porque a comunicação se transformou no principal “intelectual orgânico” deste processo de globalização neoliberal, conforme afirma Otávio Ianni.² E, terceiro, que a própria indústria da comunicação e da cultura se transformou na mais recente fronteira de expansão e reprodução do capital, sendo ela própria, um “grande negócio”.

Diante deste cenário, por novos movimentos sociais entendemos todas as formas de resistência que politizam a dimensão cotidiana, principalmente no tocante aos mecanismos de opressão das discriminações de gênero, etnia e origem regional, bem como aqueles que reivindicam identidades singulares. Tais movimentos ressignificam a cultura e o território como lugares de contrapontos e tem a comunicação como um elemento central de organização. Estas práticas políticas sinalizam para a constituição de uma nova esfera pública que entra em confronto com o espaço público oficial.

As periferias das grandes metrópoles são os locais onde estas experiências têm mais possibilidades de crescimento. Isto porque, entre outros fatores, as periferias são produtos de processos de violência. Violência perpetrada pela colonização, pelo histórico de governos despóticos, pelo tratamento aos movimentos sociais, pela desigualdade social, pelo lugar subalterno na economia e pelas violências étnicas.

Anibal Quijano afirma que

“a produção histórica da América Latina começa com a destruição de todo um mundo histórico, provavelmente a maior destruição sociocultural e demográfica da história que chegou ao nosso conhecimento” (2005: p. 16).

Quijano refere-se a destruição das civilizações dos povos originários da América, porém agregam-se a isso a destruição também das civilizações africanas com o advento da transplantação forçada e da escravização dos povos daquele continente.

O processo de violência que constitui o que se conhece hoje como América Latina ocorreu em quatro dimensões: a-) desintegração dos padrões de poder e de civilização de experiências avançadas da humanidade; b-) genocídio físico destas populações; c-) eliminação deliberada dos mais importantes líderes destas experiências; d-) estabelecimento de processos de repressão material e continuada dos sobreviventes de forma a impedir a constituição de subjetividades alternativas. (Quijano, 2005)

Diante disso, os conflitos étnicos se transformaram no motor principal da dialética poder/resistência nestas sociedades e a arena política passa a ser contaminada pelas dinâmicas de negociação e conflito das demandas sócio-culturais. Esta dinâmica recrudescerá mais nos momentos recentes quando emerge categorias novas para a dimensão política não associadas diretamente às categorias clássicas do contrato social liberal.

² IANNI, O. Enigmas da modernidade mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

A temática da integração da América Latina volta aos debates públicos. Em parte, essa motivação ocorre em função da busca de um mundo globalizado multipolar, tendo em vista a percepção das insuficiências de uma mundialização controlada por uma única superpotência. Entretanto, o que mais força este retorno da temática da integração latino-americana é a emergência do conflito das diferenças culturais – chamadas por alguns de multiculturalismo e por outros de interculturalismo. Entendemos que essa emergência pode ser explicada pelos seguintes motivos:

a-) Os fluxos migratórios intensificaram, particularmente em direção à Europa e Estados Unidos. Estima-se que chega a 11 milhões o número de imigrantes ilegais nos Estados Unidos, segundo estudos divulgados em 12 de março de 2009 pelo Centro Hispano Pew, sendo que 57% são mexicanos. Outro relatório, divulgado pela Federação pela Reforma da Imigração Americana (Fair) mostra que entre 2000 e 2002, a imigração líquida (descontado o número de norte-americanos que emigraram) foi de 1,4 milhão de pessoas por ano – se essa tendência perdurar, o número de imigrantes que hoje representa quase 8% da população dos EUA chegou a 14% em 2010.

b-) O contato forçado com a diversidade põe em cheque a possibilidade das esferas públicas clássicas existentes nestes países de conviver com a diversidade, a medida que sujeitos formados em tradições civilizatórias distintas reivindicam espaços iguais (portanto, públicos) para expressar suas diferenças.

c-) A circulação mais intensa de informações por meio das redes telemáticas aproxima universos culturais distintos no espaço virtual e criam no sujeito uma ideia mais caótica de universo.

d-) A dificuldade da cultura hegemônica centrada no sujeito renascentista, eurocêntrico e racional em resolver os grandes dilemas contemporâneos da humanidade, como o problema ambiental, a concentração brutal de riquezas, a miserabilidade, entre outros. (HALL, 1990)

Estes cenários acontecem dentro de uma situação de grande concentração das indústrias de bens simbólicos. Atualmente, seis grandes grupos oligopolistas controlam a produção e o fluxo de bens simbólicos em todo o mundo, todos eles situados nos EUA e Europa. Dentro dessa concentração de produção simbólica, órgãos multilaterais como a Unesco aprovam declaração de que a diversidade é um direito fundamental, na esteira da transfiguração dos direitos humanos em DESCs (Direitos Econômicos, Sociais e Culturais). Assim, um cenário de percepção maior da diversidade, normatizada em uma declaração multilateral, ocorre dentro de uma situação de concentração brutal de capital e de produção de bens simbólicos.³

Sendo assim, se há uma tentativa de reconstrução da estrutura formal de poder em alguns países da América Latina e mesmo uma recolocação da região no espaço geopolítico internacional, qual

³ Convenção sobre a Promoção e Expressão da Diversidade das Expressões Culturais. UNESCO, 2005 (ratificada pelo Brasil pelo Decreto Legislativo 485/2006). Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf> - acessado em 14/12/2015)

é a perspectiva de construção de uma esfera pública alternativa a partir das experiências destes novos movimentos sociais?

As modernas formas de luta social, apontam para novos conflitos e a discussão proposta por este projeto é compreender como se manifestam esses conflitos nas ações desenvolvidas por estes grupos em bairros periféricos. Os conflitos de classe além de estarem presentes na produção, estendem-se a outras contradições sociais; são aqueles antagonismos antes invisíveis dentro do quadro geral da política, como antagonismos étnicos, sexuais, regionais, urbanos e rurais, que ocupam, agora, posições de destaque. Estes novos conflitos situam-se aparentemente fora, ou não apenas na produção, e são, principalmente, de dois tipos:

1) lutas contra formas de poder, repressão e discriminação, principalmente na vida cotidiana. Estes movimentos visam a democratização integral da sociedade desigualdade no trabalho entre homens e mulheres, entre etnias e direitos humanos;

2) lutas por direitos e pela apropriação de bens e serviços no campo do consumo (movimentos sociais urbanos de defesa do consumidor, lutas por moradia, contra a inflação, acesso à educação, melhores condições de saúde e transporte, etc.), democratização da cultura e da comunicação.

Segundo Manuel Castells, estes novos movimentos se caracterizam por sua quase nula incidência no processo produtivo e pelo baixo interesse que despertam nos partidos políticos tradicionais.⁴

É provavelmente por essa razão que esses movimentos surgidos no consumo e na vida cotidiana são representados fora dos partidos políticos mas geram uma relação não convencional entre cultura e política, entre valores e poder. São movimentos novos, indicadores das múltiplas capacidades de resistência popular à hegemonia e a repressão.

Estes movimentos têm revelado mais que uma resposta defensiva diante das alterações de forças sociais e de suas condições de vida e reprodução, com toda a sua complexidade e diferenças nacionais, os movimentos sociais latino-americanos têm desenvolvido dimensões mais proativas que abrem possibilidades de pensar novas alternativas emancipatórias a partir da defesa e da promoção da vida e da diversidade.

Maristella Svampa apresenta a identidade territorial, como uma das dimensões que caracterizam os movimentos sociais latino-americanos contemporâneos. Na identidade territorial em sentido amplo, tanto nos movimentos urbanos como nos rurais, o território aparece como um espaço de resistência e também progressivamente como um lugar de resignificação e criação de novas relações sociais. Esta dimensão material, muitas vezes compreendida como auto-organização comunitária, aparece como uma das características dos novos movimentos sociais na América Latina e, neste sentido, o território surge como o lugar privilegiado da disputa. Salaria que os

⁴ Manuel CASTELLS. Movimientos sociales urbanos. México, Siglo XXI, 1976.

movimentos latino-americanos se constituem como movimentos territoriais, a partir de uma clara defesa e promoção da vida, da diversidade e correlacionando aspectos como a comunidade, o território e a cultura.

Outro aspecto que Svampa evidencia é a demanda pela autonomia a qual atravessa desde pequenos coletivos culturais até as grandes estruturas de organização em massa. A autonomia, em termos gerais, aparece não somente como eixo organizativo, mas também como um plano estratégico, que remete tanto a autodeterminação como para um horizonte mais utópico de criação de mundos alternativos.⁵

Segundo a autora a conjunção destas características (território, cultura como campo dialógico) tem configurado um novo campo de estratégias contra-hegemônicas, um novo conjunto de orientações políticas e ideológicas que configuram a ação coletiva e se expressa através de novos modelos de militância: sociais ou territoriais, socioambientais, ativistas culturais entre outros, configurando um campo de discussão para construção de novas subjetividades políticas. Ainda salienta que mesmo diante das diferenças estruturais entre os países, a defesa da diversidade cultural tem sido um elemento cada vez mais presente em todos os movimentos.

Buscando responder ao questionamento inicial de como estas experiências novas podem apresentar perspectivas de construção de uma esfera pública alternativa, este projeto está inserido na área de Comunicação Social e esta escolha é definida pela opção de estudar a *cultura através do sistema de comunicação*, entendida aqui a comunicação *como mediações sociais* e não apenas como mediação por meio dos dispositivos tecnológicos.

Parte-se do princípio que uma proposta para o estudo das culturas e da comunicação subalternas só terá sentido se puder observar este objeto de estudo a cultura e a comunicação populares subalternas – como possibilidade de transformação social: a cultura e a comunicação popular subalternas como projeto alternativo.⁶

Entretanto, esse tema vem sendo subestimado, como demonstra o histórico de seus estudos. Os intelectuais que mais escreveram sobre o assunto, geralmente realizam pouco ou nenhum trabalho empírico; a pesquisa social, na maioria dos casos, se restringe ao econômico e ao político stricto sensu. O estudo desta realidade, profundamente afetada pelo processo de globalização, tem muito a acrescentar à pesquisa social; principalmente porque este tema, esquecido e marginal, começa a disputar a preocupação dos pesquisadores. Do ponto de vista econômico, pode-se considerar que o crescimento dos processos voluntários de urbanização, a expansão do mercado econômico e cultural, a necessidade de incorporar os setores populacionais ao processo de globalização e, ainda, a complexidade dos conflitos de classes entre campo e cidade, têm despertado a atenção para o estudo dos setores populares. Do ponto

⁵ SVAMPA, Maristella; STEFANONI, P. (Comps.). *Bolívia: memoria, insurgencia y movimientos sociales*. Buenos Aires: Editorial El Colectivo-Osal (Clacso), 2007

⁶ Pascual SERRANO. *Comunicación y toma de poder*. *Rebelión*, 07/09/2006

de vista político, apresenta-se o grande desafio de entender as crises do Estado, das ideologias, da cultura e, até mesmo, a crise de hegemonia⁷

De acordo com o pensamento de Garcia Canclini⁸ o acesso a procedimentos simbólicos mais sofisticados é um imperativo da sociedade atual, para trabalhar e consumir. Esta situação aumentou a distância material e cultural entre as classes da mesma sociedade e entre países periféricos e centrais. A propriedade transnacional das novas tecnologias aumenta também a assimetria entre os poderes locais e nacionais e aqueles de caráter transnacional. Esta situação, que se manteve desde os primórdios da expansão capitalista, no neoliberalismo, atinge seu auge.

Sendo assim, estas condições na atualidade atuam fortemente na diferenciação. A diferença entre as classes e grupos sociais não é apenas econômica, mas é o resultado desta participação diferenciada na reprodução material-simbólica da sociedade. É por isso que a explicação para a apropriação desigual dos bens econômicos e culturais não está apenas no campo da produção, mas na realidade do mundo atual e se expressa também em outras esferas do social, principalmente no campo da cultura, isto é, na cotidianidade das classes sociais.

Por outro lado, é imperioso localizar os cenários nos quais se expressa a cultura popular subalterna.

A cultura popular subalterna se expressa no dia-a-dia, na vida cotidiana. Entendendo-se a cultura como o conjunto de processos simbólicos através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social, como afirma Garcia Canclini⁹, fundamentando-se em Gramsci, pode-se considerar que a cultura subalterna é construída no espaço e no tempo da cotidianidade das classes subalternas, nas suas condições de luta pela vida, através dos processos de adaptação e ressignificação dos quadros dados pelo sistema, tendo como principal instrumento, os seus próprios meios de comunicação.

Entretanto, nesta abordagem há que se tomar alguns cuidados. O primeiro é situar a problemática da cultura de massas, ela também está presente na realidade das classes subalternas, principalmente, na esfera do consumo. O outro é evitar o culturalismo. Se, de um lado, é necessário aprofundar o estudo da cultura popular subalterna, de outro, é imprescindível a compreensão dos mecanismos que tornam possível a aceitação da cultura de massas pelas camadas subalternas¹⁰. Tanto aqueles que defendem a preservação da cultura tradicional, como os que procuram adaptá-la à modernidade, quase sempre se esquecem de relacionar suas posições com as necessidades sócio-econômicas dos setores populares e as condições globais do desenvolvimento social. Esta realidade recoloca a necessidade de se levar em conta as

⁷ Cláudio AGUAYO. Maquiavelo y Gramsci: notas sobre la política, el partido y el Estado moderno. Rebelión, 13/05/2005

⁸ Nestor GARCÍA CANCLINI. Cultura transnacional y cultura popular. Lima, IPAL, 1988.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ Daniel HERNABDEZ. Libertad de expresión: vocés diversas y conciencias críticas o hegemonia mediática. Caracas, Ministerio de Comunicación e Información, 2005.

causas estruturais que modificam os vínculos entre o popular e o massivo. Nesse sentido, Garcia Canclini¹¹ recomenda alguns princípios úteis a serem seguidos:

a) o “massivo” é uma característica das sociedades atuais, mas sua origem é anterior a presença dos meios de comunicação de massa; tem, portanto, raízes no nascimento do proletariado industrial do Séc. XIX;

b) o “massivo” não é completamente estranho ou externo ao “popular” não se define por traços internos ou em repertório de conteúdos tradicionais pré-massivos, mas por uma oposição frente ao hegemônico. É ação concreta, às vezes inconsciente que as culturas popular-subalternas executam frente à ação hegemônica. É, pois, neste contexto que será propício o estudo de formas de comunicação verdadeiramente populares, não aquelas experiências de comunicação calcadas nos modelos hegemônicos, mas aquelas que têm um caráter insurgente, justamente porque constroem formas e conteúdos fora dos modelos hegemônicos e até mesmo, de oposição a estes.

Para levar adiante uma proposta científica sobre o estudo da cultura e da comunicação subalternas, é necessário a utilização dos conceitos de Antonio Gramsci¹² sobre as classes subalternas, cujas premissas serão expostas ao longo desta proposta.

O conceito de subalterno é referenciado às perspectivas de Gramsci que, ao criar a expressão, emprega-a no sentido de marcar a diferença entre o patrimônio cultural do povo e a cultura oficial. Assim, o autor constrói um conceito dinâmico e historicista, no qual a cultura é compreendida como um processo que se conserva e renova permanentemente somente na prática social. Esta ótica amplia o sujeito produtor/receptor/consumidor de cultura a todo o universo social. É por isto que neste projeto optou-se em utilizar o conceito de “culturas subalternas” ou “cultura das classes subalternas” ao invés de “cultura popular” utilizado por outros estudiosos, inclusive Garcia Canclini.¹³

Garantidos de que o conceito gramsciano das classes subalternas permite avançar nesta proposta, seria necessário considerar a pergunta:

Porque existem culturas subalternas?

Para um número expressivo de estudiosos latino-americanos, encabeçados por Garcia Canclini, existem culturas subalternas porque a reprodução desigual gera:

□ a apropriação desigual dos bens econômicos e culturais por parte das diferentes classes e grupos na produção e no consumo.

¹¹ Nestor GARCÍA CANCLINI, op cit

¹² GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Ver também do mesmo autor Poder, política e partido. S. Paulo: Expressão Popular, 2012. E também o texto de Salvador LÓPEZ ARNAL. Aproximaciones de Sacristá a la obra de Antônio Gramsci: antologia mínima. Rebelión, 03/09/2006.

¹³ Nestor GARCÍA CANCLINI & Rafael RONCAGLILO. Cultura transnacional y culturas populares. Lima, IPAL, 1988.

- nos setores excluídos da participação plena nos produtos sociais, uma satisfação específica de suas necessidades, a partir de suas condições de vida.
- uma interação conflitiva entre as classes subalternas e as hegemônicas pela apropriação dos bens sociais.

O desafio se estabelece na pesquisa no momento que o panorama de estudos sobre este assunto não contempla todos aspectos do fenômeno, portanto neste trabalho propõe em compreender as culturas e comunicação das classes subalternas como projetos alternativos. Portanto para analisar as novas configurações dos movimentos sociais na realidade da América Latina sob a ação direta do capital, é necessário num primeiro momento compreender a crise de representação dos partidos políticos e, posteriormente, articular possibilidades de pensar a política nesta nova realidade dos movimentos sociais.

Razões para desenvolver o projeto no IEA

Tendo em vista que tais estudos necessitam uma perspectiva interdisciplinar o que leva a uma necessária articulação com outros campos do conhecimento, entendemos que o espaço do IEA (Instituto de Estudos Avançados) é o que reúne melhores condições para o desenvolvimento deste projeto.

Além da sua interdisciplinaridade, entendemos que este projeto sinaliza para uma revisão dos paradigmas teóricos para a compreensão de fenômenos políticos, culturais e comunicacionais articulados entre si e que ocorrem em um momento singular, marcado por mudanças no ecossistema da comunicação, nos modelos de produção e consumo e nas arquiteturas institucionais de poder. Desta forma, a execução de tal projeto implicará na proposição de novos conceitos e reflexões densas sobre fenômenos contemporâneos, configurando-se um estudo de maior densidade teórica, o que integra os objetivos do IEA. A execução de tal projeto demandará a realização de seminários, organização de grupos de estudo de alto nível, diálogos teóricos e outros espaços de reflexão.

Potencial de interdisciplinaridade

O projeto articula estudos de cultura, comunicação e política, necessitando o aporte de conceitos teóricos de campos da sociologia da cultura, teoria da comunicação e ciência política. Como o referencial teórico do projeto tangencia aspectos da economia política (as características do capitalismo contemporâneo), a interdisciplinaridade do projeto também sinaliza para articulações com as ciências econômicas.

Impactos científicos e sociais

Este projeto proporcionará uma reflexão sobre paradigmas conceituais importantes do campo de estudos de comunicação e de culturas populares.

Além disto, o potencial de interdisciplinaridade possibilitará um impacto significativo na construção de pontes teóricas entre comunicação, cultura e território.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos que serão utilizados nesta pesquisa compreendem:

a-) realização de um mapeamento, via ferramentas digitais de mapeamento, de ações culturais de periferia na cidade de São Paulo, utilizando os dados de projetos financiados pelos programas de fomento da prefeitura municipal, como o VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) e a Lei de Fomento às Periferias;

b-) seleção projetos culturais, preferencialmente de distintas regiões do município e que tratem de temáticas da comunicação para uma análise qualitativa, onde serão verificados:

I – processos comunicativos utilizados para divulgação e articulação das comunidades para o projeto;

II – dados sócio-econômicos da região onde o projeto pretende atuar;

III – entrevistas semi-estruturadas com os líderes dos coletivos proponentes com o objetivo de verificar os olhares construídos sobre o tema comunicação e cultura e sobre a região onde atua e o município.

Plano de trabalho a ser executado pelo pesquisador e Cronograma

Atividade	01	02	03	04	05	06
Levantamento bibliográfico						
Levantamento dos dados referentes aos projetos financiados pelos programas de fomento						
Levantamento dos dados socioeconômicos das regiões						
Produção de artigo de divulgação científica refletindo os dados levantados no item anterior						
Escolha dos projetos a serem analisados						
Montagem do mapeamento						
Divulgação do mapeamento por meio de artigo						
Entrevistas com lideranças						
Análise dos resultados						
Realização de Seminário com lideranças e experts em comunicação e cultura popular para apresentação dos resultados						
Produção de e-book com os resultados da pesquisa						

Elaboração de trabalhos científicos (papers, livros e outros)

Serão produzidos dois artigos de divulgação em dois momentos do projeto, além de um e-book com os resultados da pesquisa a ser divulgado na plataforma de livros digitais da USP.

Previsão de organização de seminários, simpósios ou atividades assemelhadas

Será organizado um Simpósio com lideranças de coletivos culturais e experts em comunicação e cultura para apresentação dos resultados da pesquisa.

Referências bibliográficas

AGUAYO, C. Maquiavelo y Gramsci: notas sobre la política, el partido y el Estado moderno. Rebelión, 13/05/2005

CASTELLS, M. Movimientos sociales urbanos. México, Siglo XXI, 1976.

GARCIA CANCLINI, N & RONCAGLIOLO, R. Cultura transnacional y culturas populares. Lima, IPAL, 1988.

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Ver também do mesmo autor Poder, política e partido. S. Paulo: Expressão Popular, 2012. E também o texto de Salvador LÓPEZ ARNAL. Aproximaciones de Sacristã a la obra de Antônio Gramsci: antologia mínima. Rebelión, 03/09/2006.

HERNANDEZ, D. Libertad de expresión: vocês diversas y conciencias críticas o hegemonia mediática. Caracas, Ministério de Comunicación e Informacion, 2005.

IANNI, O. Enigmas da modernidade mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

OLIVEIRA, D. Jornalismo e emancipação: por uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017

_____. Ação direta do capital: o poder do capitalismo contemporâneo. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 15, n. 33, p. 405-421, ago. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 18 maio 2018.

SERRANO, P. Comunicación y toma de poder. Rebelión, 07/09/2006

SVAMPA, Maristella; STEFANONI, P. (Comps.). Bolívia: memoria, insurgencia y movimientos sociales. Buenos Aires: Editorial El Colectivo-Osal (Clacso), 2007

UNESCO. Convenção sobre a Promoção e Expressão da Diversidade das Expressões Culturais. UNESCO, 2005 (ratificada pelo Brasil pelo Decreto Legislativo 485/2006). Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf> - acessado em 14/12/2015)